

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

A CIDADE REVELADA EM MEMÓRIAS: SINAIS DO MODERNO EM PATOS

Josinaldo Gomes da Silva

UFCG

gomesjosinaldo@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho tem como tema central, recuperar as transformações do moderno na cidade de Patos, a partir de testemunhos escritos que chegaram até nós. Esses testemunhos (que também são chamados memória) expressam como um grupo de letrados ressignificou suas experiências de vida na cidade em estudo. Pois alguns deles, a exemplo de Neó Trajano, dão início as suas reminiscências recuperando a experiência de infância. Entretanto, acho oportuno ressaltar que “não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um passado como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento a ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado, aquilo que Benjamin chama de ‘experiência’ com o passado”. (GAGNEBIN, 2009:66) Pois “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994:55). Nessa perspectiva, os testemunhos que embasam nosso trabalho, são reminiscências de letrados que viveram na cidade de Patos, nos idos dos anos de 1930, 1940, 1950... e depois de algum tempo resolveram registrar as suas experiências por escrito, em forma de memórias. São pessoas que vivenciaram as transformações que a cidade sofreu, e que são convocadas a responder, a atestar, como testemunhas oculares das referidas transformações, em especial no tocante ao impacto provocado pelos equipamentos modernos.

Contudo, “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2007:170). Sendo assim, nossa pesquisa teve início, no trabalho de reunir testemunhos escritos referentes à cidade de Patos, no recorte temporal que se estende de 1930 à 1958. Período esse em que chegam alguns equipamentos modernos na cidade. Todavia, “em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar assim em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra forma. Essa distribuição cultural é o primeiro trabalho” (RICOEUR, idem:178). Ocorre que para o historiador tudo pode tornar-se documento, dependendo da pergunta que se

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

faça. Neste contexto, “rastros, documento, pergunta, formam o tripé de base do conhecimento histórico” (RICOEUR, idem:189). “A rigor todo historiador sabe que as marcas de historicidade deixadas no tempo se revelarão diante de si como fontes, a partir da pergunta que ele fará ao passado, questão essa iluminada pelos conceitos que presidem nossa posição diante do real” (PESAVENTO, 2007:16). Os testemunhos escritos podem até comportar características ficcionais, porém o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Portanto,

para a recuperação de uma cidade, há que ter em conta, ainda, essas narrativas de fronteiras entre o documental e a ficção, que são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memória que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerraram. Seria impensável mergulhar nos valores, nas maneiras de proceder de uma época sem ter em conta cronistas como João do Rio ou Bilac, para a Capital Federal. (PESAVENTO, 2007:19)

Porém, no nosso caso, que trabalhamos com relatos de pessoas que foram testemunhas oculares das transformações operadas na cidade de Patos, mas que só decidiram registrar suas reminiscências por escrito, depois de passadas algumas décadas, deve-se sempre levar em conta que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, já não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que não somos os mesmos de então e por que nossa percepção alterou-se e com ela nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994:55).

“Assim, as cidades escritas e as cidades faladas são todas elas, cidades imaginárias, que o historiador da cultura busca recuperar” (PESAVENTO, 2007:10). Neste contexto, os testemunhos, e em particular os testemunhos escritos, (pelo o fato de termos optados por utilizá-los como fontes neste trabalho) podem ser transformados em documentos privilegiados, rastros que atestam as transformações que as cidades viveram, são marcas de uma cidade sensível, imaginária, que um dia se impôs ao olhar dos nossos memorialistas.

1. A cidade de Patos no olhar dos memorialistas: rastros de uma sensibilidade moderna.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

As memórias que conseguimos reunir sobre a cidade de Patos, até certo ponto, revelam uma cidade que por volta das décadas de 1930, 1940, 1950, ainda conservava muitos aspectos rurais, cidade essa, onde “as tardes eram quentes e poeirentas. A rua Grande era um verdadeiro mar de areia, não resistindo à mais leve ventania”.(TRAJANO, 1972:82) Porém, é bom ressaltar que nessa época a cidade tinha se emancipado há pouco mais de duas ou três décadas, portanto era ainda uma cidade nova. Relativamente pequena à época. Dados extraídos do Censo Demográfico de 1940 dão conta de que o município de Patos contava com uma população de 41.800 habitantes, destes apenas 7.760 habitavam a cidade. Todavia, em 1943, em palestra realizada no Cine Eldorado, Celso Mariz diz que

Uma estatística de 1908 arrolou na cidade de 250 casas, dois maquinismos a vapor para algodão (esses maquinismos eram descarçadores de 20 serras puxadas por um locomóvel de três cavalos), 22 estabelecimentos comerciais, inclusive pequenas bodegas. E apenas duas escolinhas primárias. Não havia médico nem farmácia. O dr. Pires no caicó, o dr. Mariz em Souza, o dr. Chateaubriand, em Campina Grande, a 30 horas de passo de burro, eram os deuses remotos para quem apelar em casos supremos. Morria-se à míngua de remédio ou dos remédios aplicados sem diferenciação diagnóstica e individual de cada doente. (MARIZ, 1985:37)

Contudo, continuando em sua descrição sobre a cidade de Patos, quando se refere ao que a cidade vive naquele momento (no ano de 1943) diz que:

Nos últimos 25 anos, Patos cresceu dez vezes em número de casas e cem vezes no poder econômico e nos recursos de instrução, de comunicação e de transporte. A Frigidaire suavisa o calor de 36 centígrados. O rádio traz dos melhores estúdios e teatros as músicas mais belas, e comunica as notícias de João Pessoa e do Rio. A BBC chega-lhe às 21 horas com as esperanças do mundo sobre a guerra. O eclipse solar do ano passado trouxe a Patos uma comissão de físicos e astrônomos, que além dos seus instrumentos de observação matemática, se equipou de metralhadoras para defesa contra bichos e contra gangsters. (...) o trem de ferro bate-bate às vossas portas e aviadores de ambos os sexos, entre os quais já aparecem filhos da terra, fazem trepidar seus aparelhos nos céus quentes de Patos. Enchem as Espinharas de alto a baixo um drama que em 1900 parecia aqui um trecho do apocalipse. (MARIZ, idem:39)

O relato do nosso memorialista, deixa claro para nós que nos anos de 1940, os letrados de Patos já estavam imbuídos num certo ritmo de modernidade. Pois apesar das limitações, relativas à vida civilizada, limitações essas encontradas não só na cidade de Patos, mas na maioria das cidades do norte do Brasil, inclusive em nossa capital, Paraíba do Norte, descrita por alguns cronistas como uma cidade monótona e sem vida. Porém, a cidade de Patos começou a receber alguns equipamentos modernos ainda nos

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

anos 20, pois em 1921 a cidade recebeu a iluminação elétrica, através de um gerador, cuja montagem foi confiada ao engenheiro Cavalcanti.* Isso possibilitou uma certa vida noturna na cidade, pois segundo alguns memorialistas com o gerador de energia elétrica, algumas ruas do centro, eram iluminadas até aproximadamente às 21 horas. Contudo outro equipamento moderno que contribuiu para dar novos ares à cidade foi o cinematógrafo, que juntamente com a energia elétrica teria intensificado a vida noturna da cidade. Fátima Araújo esclarece:

Em seu trabalho intitulado ‘o discurso cinematográfico dos paraibanos’ Willis Leal assinala que Patos foi depois de Campina Grande a cidade do interior paraibano em que o cinema teve maior desenvolvimento.

Otacílio de Queiroz, por sua vez em artigo sobre a história do cinema a luz elétrica em Patos se deveu a José Gomes da Costa que residindo em Recife resolveu trazer a terra natal em 1913 o grande melhoramento com o filme a Paixão de Cristo, exibido sob intensa comoção.

Na década de 1920 funcionava em Patos o cine Pathé de Plínio Cavalcanti localizado a atual Rua Miguel Satyro, em cuja tela se projetava as mais famosas películas do cinema mudo, algum tempo depois o cinema Pathé fechou. Mais tarde um general reformado do exército, filho de Patos, Gregório de Paiva Meira, instala o cine Farol, da Av. Solon de Lucena. Das mãos de Gregório Paiva Meira o cine Farol passa as de Narciso Monteiro que o transfere para José Branco e Dedé Cirilo. Tempos depois o cine Farol dar lugar ao cine Eldorado. Fundado em 1934 por Agripino Cavalcanti, vindo de Alagoa Grande. (ARAÚJO, 2000)

Todavia, mesmo contando com alguns emblemas do moderno, (energia elétrica, cinema, difusora) é possível encontrar testemunhos que acenam para a presença de certos aspectos rurais ainda presente naquela urbe, o banho na ‘pedrinha’ (poço no rio de Patos) era a maior diversão da meninada. Nos domingos e feriados o rio parecia uma praia, com meninos e rapazes estendidos por toda extensão do areial, fazendo ora no poço da ‘pedrinha’, ora no do ‘Juá’ ora no ‘Figueiredo’, ora no ‘sete cavaletes’(TRAJANO, 1972:33) Contudo, nas memórias que conseguimos reunir, é possível recuperar aspectos de uma sociedade nos moldes patriarcais, e uma educação em que “a criança começa a vida apanhando publicamente para aprender a ler. Apanhando e cantando na aula a tabuada, para fixar a lição na memória. (CABRAL, 1962:24) É neste contexto de autoritarismo, que alguns dos nossos memorialistas descrevem as táticas** que tiveram de utilizar para burlar as normas das instituições (família, escola) e assim desfrutar do principais divertimentos da criançada, os banhos de rio, e o cinema. Pois mesmo sabendo que a cidade de Patos já tinha uma certa experiência com o cinematógrafo, foi a partir da instalação do Cine Eldorado, em 1934, que os nossos memorialistas passam a recuperar imagens que marcam a forte presença do cinema no imaginário da cidade, imagens essas que passam a conviver com traços

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

ligados ao cenário tradicional da cidade. Pois “sempre que podia jogava-se dentro do rio da Farinha e fazia dos poços da Pedrinha, e do Juá o seu refúgio de muitas horas. Sonhava com os filmes de Buck Jones e muitas vezes pensou em fugir para o oeste americano para assistir de perto as brigas dos Werstns” (TRAJANO, 1972: 103).

O nosso personagem descreve as peripécias que teve de realizar para assistir os filmes de faroeste exibidos no Cine Eldorado, que a partir de sua fundação funciona como uma porta que acena para a modernidade na cidade de Patos. Pois o referido cinema possibilita uma nova e atraente diversão. Não são poucos os relatos que falam do Eldorado, ponto de encontro da juventude patoense, onde foram exibidos filmes ontológicos, como O ébrio, E o vento levou, Casablanca, entre outros clássicos do cinema. Sendo assim, este cinema foi também local de Flirt, pois mesmo vivendo sob uma sociedade machista, as moças sempre arranjavam um jeitinho de ir ao cinema, e lá assistiam os grandes romances, mas também viviam os seus.

Eu ainda estava na fase transitória do Flirt quando, poucos dias depois de vê-la pela primeira vez voltei a encontrá-la nas proximidades do Cine Eldorado que estava sendo exibida a versão cinematográfica o famoso romance... E o Vento Levou, de Margareth Mitchek, estrelado por Clark Gablle e a Trêfega Vivien Leigh. Já sabia que ela ia ao cinema e procurei me valer daquele pretexto para ligá-la romanticamente, à incipiente e vibrátil paixão que me dominava (LEITÃO, 2007:217)

Percebe-se porém, a influência exercida pelo cinema na transformação de certos hábitos, que passam a ter na telinha o seu grande referencial, sendo relacionado a idéia de sensibilidade exatamente por ter provocado um impacto na vida cotidiana, resultando em mudanças de comportamento, de atitudes ou visão de mundo. Neste contexto, a pesquisadora Helmara Wanderley em trabalho desenvolvido na cidade de Pombal, recuperou os novos comportamentos instaurados naquela cidade, comportamentos esses relacionados ao uso do cinema. Pois, “o ato de beijar em público, sentar no colo dos rapazes, atos esses que ainda eram considerados escândalos, as moças mais liberais não estavam nem aí, sentavam-se e agarravam-se mesmo”(WANDERLEY, 2009). Em Patos, o Cine Eldorado torna-se um ponto de encontro, principalmente da moçada, que em seus passeios públicos (procurando imitar os comportamentos do mundo moderno) de preferência na calçada que dá acesso ao Eldorado, enquanto aguardam o início da projeção do filme, vivem seus romances particulares, mesmo que seja apenas através de simples gestos, como por exemplo, os olhares, a famosa paquera nos dias de hoje. Dessa forma, namorar ou paquerar era uma sociabilidade bastante complicada, mas como nada se mostrava impossível, os namoros aconteciam mesmo. Enfim, o Eldorado quebrava a rotina pacata típica das cidades do Norte (com exceção de algumas, como por exemplo Recife) e com isso dava um ar de modernidade a referida cidade. Já que a idéia de vida moderna nas cidades do Norte era mensurada pela quantidade de equipamentos

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

modernos existentes nessa ou naquela cidade, daí o status do Recife como a vitrine da modernidade no Norte do Brasil, pois em termos de Região Norte, foi nessa cidade onde os equipamentos modernos chegaram primeiro.

Sendo assim, a cidade de Patos orgulhava-se por ser portadora de alguns desses equipamentos, em 1921 recebe a iluminação elétrica, foi a segunda cidade do interior paraibano onde o cinema mais se desenvolveu, pois existem testemunhos que acenam para a presença do cinematografo itinerante na cidade ainda no início do século XX, Deusdedit Leitão esclarece:

Contaram-me que no início do século, chegou a Patos um cinematografo. Era uma sensacional novidade que despertava a geral curiosidade da população local. Instalado no edifício do Mercado Público, totalmente lotado por curiosos que queria ver de perto aquela invenção. (LEITÃO, 2000:226)

Portanto, neste texto focamos principalmente na recuperação das sensibilidades relacionadas ao Cine Eldorado, instalado na cidade em 1934, pois, as memórias que até então conseguimos reunir, nos sugerem testemunhos mais esclarecedores sobre o referido cinema. Nesta perspectiva, as memórias de Deusdedit Leitão são fortemente tocadas pela sua convivência com o Cine Eldorado. Foi o referido cinema palco do seu romance com Mazé, romance esse influenciado também pelos romances cinematográficos. Com relação a esse assunto vejamos o que o próprio Deusdedit diz:

Em uma das minhas visitas a Patos tomei conhecimento que o Cine Eldorado vinha programando a exibição do filme A Porta de Ouro, estrelado por Charles Boyer e Olívia Havilland. Já o conhecia mas fiquei interessado em revê-lo pelo colorido romântico do seu enredo que, de certo modo, se ajustava aos dias que vinha vivendo no meu anseio de voltar a Patos. Manifestei a Mazé o meu desejo de que ela assistisse comigo aquele filme pela ternura do argumento tão apropriada a notória meiguice da encantadora Olívia Havilland. (LEITÃO, 2000:221)

Contudo, fica muito clara na fala do nosso memorialista, a intenção de relacionar seu romance com características do romances do cinema, pois dando seqüência a sua rememoração o nosso personagem descreve a sua aventura “cinematográfica” para chegar a Patos em tempo de assistir ao filme.

Combinamos a nossa ida ao Cine Eldorado no dia marcado para a exibição daquele filme. E assim foi feito, apesar do meu sacrifício para alcançar Patos em tempo de levá-la ao cinema, o que me obrigou a utilizar um caminhão carregado de porcos que passava por Pombal. Assistimos o filme e, mais uma vez deixei-me dominar pela emoção provocada pela excelente interpretação da famosa dupla do cinema americano. Foi o primeiro filme que assistimos juntos acompanhando os lances emocionantes daquele casal romântico que lutava para transpor a porta de ouro da fronteira americana para puder viver a pureza dos seus sonhos. (IDEM)

2. A difusora a Voz das Espinharas e as notícias da BBC de Londres: Sintonia com o moderno

Além do Cine Eldorado, outro empreendimento que marcou época, foi a “Difusora de Seu Mané Lino”. A primeira difusora que se tem notícia em Patos, data de meados dos anos de 1930 e pertencia a Sinfrônio de Azevedo. Essa difusora funcionava na parte de cima do sobrado pertencente a Tobias de Medeiros onde se encontra atualmente o Banco Real. Em 1938 Sinfrônio Azevedo vendeu o serviço de som para Mané Lino que imediatamente passou a chamá-la a “Voz das Espinharas”. Mané Lino dedicou toda a sua vida a esse empreendimento.

Segundo Marão que foi cambista da chave de ouro de seu João Cosme: quando Mané Lino comprou em 1938 a difusora a Sinfrônio de Azevedo fez sua transferência para o sobrado de propriedade de Dr. Basílio que existia na esquina da Rua Major Miguel, bem ao lado da minerva de seu Zé da livraria. Mudou-se em seguida para o prédio da mesma rua onde o Dr. Basílio teve a sua primeira farmácia, atual casa número 40 e ali permaneceu até o encerramento de suas atividades. (ARAÚJO, 2000)

A difusora “a Voz das Espinharas”, popularmente conhecida como “Difusora de Mané Lino”, tinha 18 projetores de som espalhados na cidade (ver foto 01), representou uma maneira inovadora de comunicação, descrita pelo memorialista Vavá Brandão:

Mané Lino tinha visão futurista e já naquela época transmitia bailes, fazia programas de calouros, retransmitia os noticiários da BBC de Londres durante a guerra, retransmitia a Voz do Brasil, matinha noticiários regulares, transmitia comícios políticos, solenidades, as grandes festas (sete de setembro, festa da cidade etc), transmitia a missa e fazia tudo o mais que o rádio faz hoje. (ARAÚJO, IDEM)

A partir de tais relatos é possível perceber a importância que a “Difusora de Mané Lino” exerceu na cidade de Patos, pois era responsável por interligar a cidade com as principais notícias do mundo, sendo assim tornou-se hábito para muitos patoenses se reunirem nos locais onde existia um projetor de som da difusora para ouvirem a sua programação. Solon de Medeiros Filho esclarece:

A programação da difusora de Mané Lino começava no momento em que era ligado o motor da luz, às 17:30 (horas), terminava por volta das 21 horas quando ele dava o primeiro sinal alertando para o seu desligamento às 21:30 (horas). Em 1949, seu Mané Lino adquiriu um amplificador de maior potência, podendo agora sua difusora ser sintonizada por receptor de rádio num raio de até uns dez quilômetros, sendo a partir de então adotado o slogan, “ A Difusora de Patos falando mais alto para mais longe.”

Seu Mané Lino sempre foi favorável a divulgação da cultura, nunca se negando em colocar a Difusora à disposição dos estudantes para a realização de programas de comemoração a datas consideradas importantes. Descobrimento do Brasil, Tiradentes, Independência do Brasil e outras. Nunca se descuidava de anunciar o acontecimento, procurando assim obter o máximo de audiência.

-Atenção!Atenção! hoje às 19:30 (horas) teremos nesta difusora a comemoração do dia de Tiradentes a cargo dos alunos do Ginásio Diocesano de Patos. Na ocasião serão

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

ouvidos vários oradores que enaltecerão o grande brasileiro. Não percam! Não percam! Será às sete e meia da noite!

Na difusora de seu Mané Lino, vários ‘speakres’ desfilavam com suas vozes forte, melodiosas e agradáveis. Um deles era destaque para todos os ouvintes. Crispim Pessoa. Era o mais entusiasmado, o mais vibrante, dando sempre muita ênfase a todas as propagandas que fazia, merecendo o aplauso de todos:

-‘Atenção, atenção, toda a população de Patos! Acaba de adentrar à cidade o querido Bispo Dom Luiz do A Mousinho, o crraque dos Bispos!’

-‘Battom Nhá-Nhá, o batom da mulherrrr bonita! Batom Bhá-Nhá à venda na Perrrrfumaria Glória. Prrraça João Pessoa três...três... trrrinta e três’.

-‘Remédio bom e barato é na farmácia Confiança’ se é da Confiança, pode confiarrrr. Farrmácia Confiança, os três pauzinhos da Sólon de Lucena’.

-‘Perrrrfumes, brilhantinas, sabonetes, presentes finos para os amigos e parentes, todos do melhorrr gosto, você encontra na Perrrrfumaria Glória. A Perrrrfumaria Glória é bem ali na Prrraça João Pessoa, três... três.. trrrinta e três!’(FILHO, 2004:47-48)

A difusora de seu Mané Lino funcionou até 1966, ano de sua morte. O mesmo foi sepultado no Cemitério São Miguel em Patos, deixando um grande vazio na cidade.



Foto 01: projetor de som da difusora de “Mané Lino”

Enfim, esses equipamentos modernos trazem uma nova sensibilidade, funcionam como veículos que põe a cidade de Patos em contato com as novidades do mundo considerado civilizado. Esse contato estimula novos comportamentos, daí o que nos leva a estudar a chegada do moderno em cidades do interior. Neste estudo focamos principalmente o Cine Eldorado e a difusora A Voz das Espinharas, porém, é bom lembrar que ainda na década de 1940 a cidade recebe o trem de ferro, e em 1951 a

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Rádio Espinharas, equipamentos esses que também funcionam como ícones do moderno, mas que são objetos de outros estudos.

2. Notas

*Sobre esse assunto, ver Revista Patos, edição histórica, 2007

**Segundo Michel de Certeau, enquanto a estratégia é a arma do forte a tática é a arma do fraco. Isto é, são as artimanhas do homem ordinário para burlar as imposições.

4. Referências Bibliográficas

ARANHA, Gevârcio Batista. Parahyba do Norte na passagem para o século XIX: vida Urbana e Modernidade. IN: SOUZA, Antonio Clarindo, e SOUSA, Fábio Gutemberg (orgs). História da Paraíba - ensino médio. Campina Grande: EDUEFCG, 2007.

_____. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925). IN: DO Ó, Alarcon Agra, e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa (orgs). et. al. A Paraíba no Império e na República: estudo de História social e cultural. 3. Ed. Campina Grande: EDUEFCG, 2006.

ARAÚJO, Fátima. Suplemento do Jornal A União de 26 de setembro de 2000

CABRAL, Nelson Lustoza. Paisagens do Nordeste. São Paulo: 1962

BENJAMIM, Walter. Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Obras escolhidas III. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3 ed. A São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. 13 ed. Tradução de Ephaim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: vozes, 2007

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Memória, história e narrativa. In: Revista *Mente Cérebro e Filosofia*, São Paulo: DUETTO, 2009 vol. 7.

LEITÃO, Deusdedit. Inventário do tempo: memórias. João Pessoa: empório dos livros 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun., 2007

MARIZ, Celso. Cidades e Homens. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François (et al). Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2007

TRAJANO, Neó. Patos de minha infância. Campina Grande: editora e gráfica Santa Fé Ltda, 1972